

Apresentação do *Seminário 6: o desejo e sua interpretação*, de Jacques Lacan, por Jacques-Alain Miller¹

1

Aqui está um livro que, na edição que acabo de obter, contém 600 páginas e está dividido em 24 capítulos. Essa espessura torna difícil resumi-lo, uma vez que todo o seu valor está nas análises de detalhes. Além disso, esse livro, como os outros do *Seminário*, não é um tratado. Ele não constitui a exposição de uma concepção acabada. Não é um texto cujo final seria contemporâneo ao começo. É um texto que requer ser lido levando-se em conta sua tessitura temporal, feita de uma sucessão de falas semanais ao longo de todo um ano universitário.

Há, portanto, de uma lição a outra, avanços, correções, mudanças de perspectiva que demandam ser destacadas, apontadas, precisadas a cada vez. Por vezes, há fórmulas de Lacan determinantes, que parecem definitivas e que não serão mais retomadas por ele nem em um *Seminário*, nem em um escrito. Assim, a cada vez, para quem o lê, trata-se de saber se o que é lido é uma pepita, um termo que vale destacar, propagar e desenvolver, ou se, pelo contrário, é um ponto acessório, um deslizamento que, em seguida, é corrigido.

Folheando uma vez mais esse *Seminário*, desta feita sob a forma de livro, eu me dei conta do quanto essa questão poderia ser formulada sobre muitas frases, inclusive sobre palavras. Quando Lacan define, aqui ou ali, um termo de modo que permanecerá único, será que devemos enfatizá-lo em nossa reflexão? Será que isso deve ser retomado, pelo fato de que Lacan teria ali desvelado um aspecto desconhecido, ou será que se trata de um deslizamento, de uma deriva que,

em seguida, será corrigida? E o exercício de leitura de um *Seminário*, para quem o lê, para quem o redige - e, tendo-o redigido, estou também e mais uma vez a lê-lo -, é saber que uma vez ou outra a perspectiva se transforma, se desloca e que correções, mais frequentemente tácitas, são operadas.

Então, aqui, nessa massa de significantes, esticarei um fio, um só. É um fio que, no começo do *Seminário*, é muito tênue. No começo do *Seminário*, esse fio está perdido em uma meada, mas, à medida que a elaboração progride, esse fio se espessa e, por fim, torna-se uma corda que não se pode mais desconhecer. Ninguém mais pode desconhecê-lo. Esse fio é o da fantasia.

Esse *Seminário* se intitula "O desejo e sua interpretação". Com efeito, é na questão da interpretação que ele tem seu ponto de partida e, à medida que o *Seminário* progride, ele se revela outro. Ele se transforma de maneira contínua. Tal como vemos nas figuras topológicas, ele muda de forma sem se romper. No final, ele libera uma configuração sensivelmente diferente, muito diferente mesmo, do que era no começo. Não se conhece livro desse gênero. De todo modo, por ora, não vejo nenhum que lhe seja comparável. Há outros comparáveis no *Seminário* de Lacan, mas esse livro é, por certo, um tipo de livro muito especial.

Para andar rápido, diria que esse *Seminário* contém, elabora a primeira lógica da fantasia construída por Lacan. Mais tarde, haverá o *Seminário* 14, cujo título é: "A lógica da fantasia". Essa segunda lógica da fantasia, a verdadeira, se quisermos, se apoiará no artigo de Lacan que, suponho, foi estudado por muitos de vocês, intitulado "Posição do inconsciente", e que Lacan comentou em seu *Seminário*, livro 11: "os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", a partir do par alienação-separação.

Em uma nota da edição dos *Escritos*, Lacan assinala que

o texto "Posição do inconsciente" constitui o complemento e quase um novo ponto de partida do que ele abriu com seu texto inaugural "Função e campo da fala e da linguagem". Outrora, eu me interroguei sobre o valor eminente dado por Lacan a esse escrito, redigido no momento em que ele pronunciava seu *Seminário 11* e que ele, ao longo desse *Seminário*, incluiu em seus comentários.

O *Seminário 6*, como primeira lógica da fantasia, permanece no fio de "Função e campo da fala e da linguagem" e se centra progressivamente na fórmula da fantasia dada por Lacan: $\$ \diamond a$, grafada com um S maiúsculo, barrado, seguido do que chamamos punção, um losango, e o pequeno a, minúsculo e em itálico. De saída, podemos completar a palavra fantasia com um adjetivo que ali é inserido, essencialmente no capítulo XX: *fundamental* (página 434). Quando Lacan profere essa expressão - *fantasia fundamental* - em seu capítulo XX, ela já havia figurado, escrita por ele, em particular no escrito exatamente precedente ao *Seminário 6*, a saber: "A direção do tratamento". Mas, "A direção do tratamento" foi uma comunicação lançada em julho de 1958 e Lacan começa seu *Seminário 6* em novembro do mesmo ano. Portanto, o *Seminário 6* prolonga o tema de "A direção do tratamento". Ele prolonga, em particular, a conclusão do texto que incide precisamente sobre a interpretação do desejo. Assim, é nesse fio que o *Seminário 6* se inaugura. O que é afirmado no final do escrito é problematizado no começo do *Seminário 6* que vem a seguir. Lacan conclui seu artigo e, na mesma linha, reabre a questão e, precisamente, a desloca.

Em "A direção do tratamento" já encontramos, por duas vezes, a expressão *fantasia fundamental* que, nesse mesmo escrito, ainda não tem precisão. Esta só será encontrada no *Seminário 6*. A expressão *fantasia fundamental*, que só se diz no singular, me pareceu merecer estar no título desse

capítulo XX. Em Lacan, ela não é cunhada sob a forma de fantasias fundamentais. Quando ela aparece, em seu discurso, é sob o modo singular. Em que ela é fundamental? Esta é uma questão que eu me formulei outrora, e que nos formulamos em determinado círculo, mas, naquele momento, não dispúnhamos de um texto que nos permitisse determinar o valor a ser dado ao adjetivo *fundamental*. Em que ela é fundamental? Creio que agora podemos trazer essa resposta: no fato de ser mínimo, ou seja, se escreve com os dois termos da fórmula e a relação de dupla entrada que liga os dois termos. Essa relação é de dupla entrada, já que pode ser lida em um sentido e em outro. Esses dois termos e a relação de dupla entrada que os liga são supostos dar a estrutura mínima da fantasia. Penso que se pode dizer estrutura mínima da fantasia no sentido que Lacan dará, mais tarde, à estrutura mínima da cadeia significante ao escrever: S_1-S_2 . A aproximação dessas duas estruturas mínimas justifica-se ainda mais pelo fato de Lacan, mais tarde, reagrupá-las, articulá-las na fórmula do discurso do mestre, ponto de partida, esboço do quarteto desses discursos. Antes mesmo da escrita memorável desse discurso do mestre já encontramos, desde o *Seminário 11*, esses dois pares de termos mínimos agregados.

Nessa mesma página 434, Lacan apresenta essa fórmula mínima como a forma verdadeira da pretensa relação de objeto e, ali, não se trata de um hápax, não é dito uma só vez, mas muitas vezes ao longo desse *Seminário*.

A verdadeira relação de objeto que constituiu o tema do *Seminário 4* de Lacan, se encontra no nível da fantasia. É uma asserção que não se deveria admitir como vinda de si mesma. Ela quer dizer, no sentido de Lacan, que a relação de objeto não se situa no nível da pulsão. Por quê? Por que, no fundo, nessa data, não há em Lacan, me parece, o objeto pulsional propriamente dito? É que, nessa data, na elaboração de Lacan, a pulsão tem o estatuto de uma

demanda, e uma demanda ainda mais imperativa pelo fato de ser inconsciente. Como demanda, ela não está ligada a objetos, mas a significantes. Sobre esse ponto há, por vezes, variações de Lacan, mas creio poder dizer que a pulsão, no *Seminário 6*, assim como em "A direção do tratamento", designa uma relação inconsciente com o significante e não com o objeto.

A relação com o objeto se situa no nível não da pulsão, mas do desejo, e isto por intermédio da fantasia. É assim que, em seu grafo, Lacan faz da pulsão o vocabulário, ou, mais precisamente, o código. É o termo empregado por ele, na época, relativo à demanda inconsciente, grafada como $\$ \diamond D$, ao passo que a fantasia é grafada como $\$ \diamond a$, em que a é o objeto. Em outras palavras, e curiosamente para aqueles que acompanham o curso do ensino de Lacan e que entraram nele por meio de seu último ensino: com a pulsão, tal como ela aparece quando se lê o *Seminário 6*, não se sai do significante. É apenas com o desejo que se tem uma relação com o objeto por meio da fantasia. E, de certa forma, creio que enquanto Lacan admitir apenas objetos imaginários, não haverá objeto propriamente dito senão na fantasia.

A página só é virada no final do *Seminário 6*. Ao mesmo tempo em que a página é virada, Lacan deixa de lado seu grafo do desejo de dois patamares, que supõe essa distância entre pulsão e fantasia. Enquanto Lacan só admitir objetos imaginários, enquanto ele só admitir objetos procedentes do estágio do espelho, enquanto ele só admitir objetos derivados da imagem do outro, ou seja, da imagem do corpo próprio, o objeto é o da fantasia. Portanto, a dificuldade para aqueles que lerão o *Seminário 6*, tendo se formado no ensino posterior de Lacan, é a de se colocar numa posição de leitura e de estudo considerando que esse *Seminário* foi elaborado na distância entre pulsão e fantasia, numa

distância tão grande a ponto de, inclusive, a fantasia eclipsar a pulsão.

É apenas no final que Lacan dá uma espécie de guinada, por meio de um movimento brusco que se produz por volta do capítulo 22. Seguindo esse fio, começamos a ver a pulsão retomar seus direitos e ser evocado um estatuto do objeto que seja real, do objeto como real. E isso permanecerá tão pouco garantido que, ainda em seu *Seminário* 14: "A lógica da fantasia", ou talvez em "O objeto da psicanálise" - não tive tempo de verificar -, Lacan surpreenderá seu auditório dizendo que o objeto a tem um estatuto de real, o que figura, se quisermos, nessas poucas linhas do *Seminário* 6.

No fundo, esse reviramento é tão grande que não foi registrado pelo auditório de Lacan, ele próprio não o tendo consolidado pelo fato de sua concepção do objeto, durante anos, ter ficado enraizada no imaginário, precisamente na relação especular, no estágio do espelho, na relação do eu com o pequeno outro. Portanto, o que se pode notar desse reviramento só será desenvolvido e sancionado anos mais tarde.

Evidentemente, eu os conduzo a outra época, ou seja, ao fundamento mesmo dos discursos de que dispomos. Não sei se exagero ao dizer que o termo fantasia, por exemplo, no colóquio que tivemos esse termo que poderia ter sido mencionado em muitas das evocações clínicas apresentadas, ao contrário, quase, poderíamos crer, caiu em desuso. Isto quer dizer que não se deve ler esse *Seminário* apenas como o testemunho de uma época passada, e que talvez seja necessário reencontrar nele alguns dos fundamentos de nossa própria abordagem. Talvez arranjássemos um modo de, por vezes, restaurar cores ou dar precisão a nossas evocações clínicas de hoje. É certo que, pelo que ouvi dos debates ocorridos sobre o gênero e sobre as aspirações dos sujeitos à mudança, em relação à qual François Ansermet observava, com toda razão, que no fundo há certeza - de fato há, se

assim posso dizer, 50 tons de certeza, para retomar o título de um romance -, é certo que, para precisar essas nuances, referir-se à fantasia seria da maior utilidade para a precisão de nossas construções.

É por um movimento inverso que, mais tarde, a pulsão encontrará seu lugar e se juntará à fantasia, o objeto será reconhecido como sendo do registro do real e que, no último ensino de Lacan, fantasia e pulsão serão confundidas no *sinthoma* como modo de gozar.

Em outras palavras, o balé que esboço entre fantasia e pulsão tem um grande futuro no ensino de Lacan, a ponto de os dois termos se confundirem no uso que ele fará do termo *sinthoma*. Portanto, quando nos introduzimos nas formulações de Lacan por meio de seu último ensino, é preciso um esforço para adaptar a visão sobre o *Seminário 6* e para poder se deixar ensinar pela perspectiva que ele propõe sobre a experiência do desejo.

A experiência do desejo é um termo que Lacan emprega no *Seminário*. Para não ficar vago, darei um primeiro exemplo: seria o recurso que o sujeito faz à fantasia quando tem de se haver com a opacidade do desejo do Outro, cuja ilegibilidade tem como efeito o *Hilflosigkeit* freudiano, o desamparo do sujeito. É nesse momento que o sujeito recorre à fantasia como uma defesa. Isso é dito apenas uma vez por Lacan nesse *Seminário*, mas essa uma vez deve ser realçada. O sujeito recorre à fantasia como a uma defesa, isto é, ele se vale dos recursos do estágio do espelho que lhe oferece toda uma gama de posturas, do triunfo à submissão. E é então que o sujeito, diz Lacan na página 29, se defende com seu eu. É uma experiência tal que permite falar do uso da fantasia, o que retomamos em seguida. É preciso ver que isso se enraíza exatamente neste ponto: o uso da fantasia como uma defesa diante da opacidade do Outro. Essa experiência permite falar do uso da fantasia, porque ela está propriamente instrumentalizada

para enfrentar o desamparo. Nesse *Seminário*, o que Lacan chama de experiência do traumatismo permanece marcado pelo recurso à fantasia.

Christiane Alberti e Marie-Hélène Brousse, nos documentos que divulgaram para preparar as próximas Jornadas da ECF sobre o tema do traumatismo, deram todas as referências que figuram no *Seminário 6*. Tendo, neste momento, em meu computador, todos os capítulos reunidos, tive apenas que buscar, graças a ele, a palavra traumatismo, ou trauma, e assim pude lhes dizer todas as suas ocorrências. Podemos então contar com o fato de haver bastante tempo entre hoje e as Jornadas da ECF, para que aqueles que dela participarão tenham o tempo de ler o *Seminário 6* e não se omitam, em se tratando do traumatismo, de dar o lugar que cabe ao uso da fantasia, em particular, ao uso da fantasia como defesa.

Dizem-me que os 500 primeiros exemplares trazidos aqui - pois, por ora, nenhuma livraria na França os tem - foram vendidos. Pode-se contar com o fato de que o interesse será mantido para as construções de Lacan das épocas anteriores, porque as novas construções de Lacan não anulam as antigas, elas as prolongam. Mas, por vezes, as novas perspectivas apagam realces que as antigas evidenciavam e creio que, no que concerne à fantasia, este é o caso. Embora a fantasia tenha sido relançada pelo *Seminário 14*: "A lógica da fantasia", trata-se de um termo - penso que o colóquio o atesta - que caiu um pouco em desuso e que reencontrará suas cores depois do estudo desse *Seminário*, pelo menos depois desse fio que proponho.

Aproximarei a passagem da página 29 a uma outra na página 108, em que Lacan isola o que ele chama de ponto pânico (*point panique*) do sujeito. Ali, o termo ponto (*point*) não é uma negação². O ponto assinala o que se obtém, normalmente, ao cortar duas linhas. Esse ponto pânico do sujeito é aquele, diz ele, em que o sujeito se

apaga por trás de um significante. Não se deve entender, por esse apagamento, que o sujeito está identificado, mas, sim, como que apagado: é o ponto em que ele não pode dizer mais nada de si mesmo, em que é reduzido ao silêncio. É, então, que ele se apega ao objeto do desejo.

É a mesma lógica da fantasia que opera no âmbito do inconsciente, em que o sujeito não tem a possibilidade de designar a si mesmo, em que é confrontado com a ausência de seu nome de sujeito. É, então, à fantasia que ele recorre e é na sua relação com o objeto do desejo que reside a verdade de seu ser. O que o *Seminário 6* explora é um campo pouco explorado, que se encontra para além do significante e é designado como o da fantasia. Ele é articulado, diz Lacan, a partir de uma conciliação entre o simbólico e o imaginário. Essa conciliação é evidenciada na própria escrita \$ ◇ a.

O objeto a vem do imaginário, é emprestado do estágio do espelho, do reflexo da relação especular, ao passo que o \$ é o sujeito do significante, o sujeito da fala. Portanto, os dois elementos de Lacan encontram-se, aqui, conciliados. Sabemos que Lacan dará, mais tarde, no *Seminário 9*: "A identificação", uma articulação topológica dessa junção de dois elementos heterogêneos. Mas se pode dizer que, por referência ao ensino posterior de Lacan, esse campo da fantasia funciona como um real. O termo real se imporá progressivamente na última parte do *Seminário*. Assim o é manifestamente na primeira parte do *Seminário*, essencialmente dedicada à análise do famoso sonho do pai morto. Lembro-lhes o texto desse sonho, que Freud incluiu, inicialmente, em "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" e que integrou, em seguida, à "Interpretação dos sonhos".

O pai ainda está vivo e fala a seu filho que é o sonhador. O filho tem o sentimento doloroso de que seu pai

já está morto, mas este não sabe disso. Lacan detalha, inclusive em seu grafo, como Freud trata o sonho por meio do significante e o interpreta restituindo-lhe as cláusulas que ele pensa terem sido elididas pelo texto do sonho, em particular o famoso "segundo seu voto". Há o tratamento desse sonho por Freud, que Lacan retoma, e o tratamento desse sonho por Lacan. Lacan o trata essencialmente pelo objeto e não pelo significante e, ao fazê-lo, vocês verão isto em especial na página 75, implica a fantasia no sonho. Ele formula a pergunta: o que é esse confronto entre o pai e o filho, essa cena estruturada, esse cenário? É uma fantasia? Outras questões são formuladas, mas a resposta, dita uma vez por Lacan, é que se trata efetivamente de uma fantasia. Ele enuncia, aqui, que nos encontramos diante de uma fantasia de sonho. Lacan é então levado, na interpretação do sonhar, não a proceder à análise significante, mas a assumir a representação imaginária oferecida pelo sonho e a qualificá-la de fantasia, uma categoria de fantasia que é a fantasia de sonho. Ele admite que uma fantasia aconteceu no sonho. Isso faz sentido precisamente porque estamos no nível das representações imaginárias, a ponto de Lacan poder dizer que essa fantasia pode manter a mesma estrutura e a mesma significação em outro contexto que não é mais o de *Verneinung*, mas de *Verwerfung*, não se trata mais de denegação, mas de forclusão, não se trata mais de sonho, mas de psicose. Em outras palavras, tem-se, aqui, o começo de uma gradação, de um nuançar a fantasia em que há a fantasia de sonho, mas também a fantasia de psicose. *Mutatis mutandis*, ele dá este exemplo surpreendente: será, na psicose, o sentimento de estar com alguém que já morreu, mas que não sabe disso. Para dizê-lo de outro modo, a unidade fantasia pode se deslocar do sonho à psicose. Ele acrescenta, inclusive, que, afinal, se pode ter isso também na vida cotidiana, quando estamos junto a pessoas mumificadas e temos a

impressão de que elas não sabem que já chegaram ao fim. Podemos pensar, aqui, que Lacan tem em mente aqueles que, na época, eram seus adversários na psicanálise. A conclusão da interpretação freudiana é que esse sonho é manifestamente edipiano e que o voto último de um sonho edipiano é em relação com o pai, é o voto da castração do pai.

Pois bem, de modo algum! Essa não é a conclusão de Lacan, pois ele considera que a fantasia concebida como a resposta última ao ponto pânico vai mais além do voto edipiano. Vemos que o Édipo ainda está no campo do significante e que, para Lacan, com a fantasia, tocamos mais além do próprio Édipo. Ele o diz: a fantasia, aqui, vai além do voto edipiano. Vocês podem ler isso na página 118. Mais essencial, mais profundo que o sofrimento do filho, há seu confronto com a imagem do pai como o rival, como fixação imaginária. Em outras palavras: a interpretação última aponta a fantasia, aponta a presença irreduzível da imagem. Podemos dizer que essa função de resto é justamente o indício de real com o qual essa imagem é afetada.

Pode-se dizer que sempre há, em um sujeito, um ponto pânico, pois, na relação do sujeito com o significante, há um impasse essencial que faz com que, cito Lacan: "não haja outro signo do sujeito senão o signo de sua abolição de sujeito, razão pela qual ele se apega ao objeto imaginário".

A segunda parte do *Seminário* é constituída pela retomada de um sonho analisado pela psicanalista inglesa Ella Sharpe. Vocês encontrarão ali uma dialética entre o sonho e a fantasia. Lembro-lhes o episódio que precede a análise do sonho e a comunicação do sonho à analista: o sujeito tem o hábito, há algum tempo, de tossir antes de entrar no consultório da analista. Eu os remeto às páginas 181-182. O sujeito relata uma fantasia que teve e Lacan

confirma, com efeito, tratar-se de uma fantasia. O que se trata de analisar, diz ele, é a fantasia, e sem compreendê-la, ou seja, encontrando nela a estrutura que se revela. No capítulo X, Lacan procede a uma consulta metódica da fantasia e do sonho e encontra, entre fantasia e sonho, nas páginas 211-212, uma estrutura simétrica e inversa. Essa dialética da fantasia e do sonho é ainda mais pregnante pelo fato de, na página 269, ele destacar que se pode distinguir o nível da fantasia e o do sonho: "Pode-se também dizer que há fantasia dos dois lados, as fantasias do sonho e as do sonho acordado".

Dito de outro modo, a expressão fantasia de sonho se encontra ali, pela segunda vez nesse *Seminário*, e eu os convido a encontrá-la na leitura. Essa dialética do sonho e da fantasia faz das análises de sonho que encontramos nesse *Seminário* a especificidade que as distancia completamente daquelas encontradas, por exemplo, no *Seminário* 5. A originalidade dessas interpretações de sonho é que elas implicam a fantasia e essa categoria singular que é a fantasia de sonho. Vemos, aqui, uma espécie de dinamismo da categoria da fantasia: desde que há representação, há fantasia e, na mesma linha, se poderia dizer que o sonho é fantasia. Lacan irá mais longe ainda e chega a dizer que a realidade é fantasia. Essa categoria tem um grande dinamismo e nosso uso não explora sua vitalidade própria, sua vitalidade conceitual própria que, aqui, está inteiramente em evidência.

Notem, nas páginas 274-275, que a última palavra da interpretação do sonho proposta por Lacan incide sobre o sonho do paciente de Ella Sharpe. Ella Sharpe analisou esse sonho completamente e Lacan o superinterpreta. A superinterpretação lacaniana desse sonho é uma fantasia e é sobre uma fantasia que termina essa parte, nas páginas 274-275.

Em seguida, há "Sete lições sobre Hamlet", que não

retomarei. Fica claro que, nessa ocasião, Lacan amplia o conceito de objeto *a* para além do outro imaginário; ele admite que toda uma cadeia, todo um cenário pode se inscrever na fantasia e, a um só tempo, reconhece o objeto como sendo o elemento estrutural das perversões, o que abre para a distinção clínica entre a fantasia na neurose e na perversão (página 373). O critério que Lacan evidencia é o tempo. Digamos, para simplificar, que a fantasia da perversão é fora do tempo e a fantasia da neurose é, pelo contrário, subtendida pela relação do sujeito com o tempo, o objeto se encarregando, neste caso, da significação da hora da verdade. É o que aparece no fenômeno da procrastinação de Hamlet. Em Hamlet, e através das lições sobre ele, a fantasia é indicada como o termo da questão do sujeito, como o lugar onde a questão do sujeito sobre seu desejo encontra sua resposta, ou seja, como o *nec plus ultra* do desejo. E é aqui que Lacan determina o lugar onde, para ele, se dará o fim da análise, quando ele definirá o passe. Há um certo paradoxo no fato de que, em nossa clínica, o termo fantasia se encontre, de algum modo, apagado, ao passo que, ao mesmo tempo, nos apaixonamos para identificar e cingir o final da análise como se, por uma clivagem, reservássemos a questão da fantasia para o final da análise e a obliterássemos do lado da clínica. É o lugar onde se dará, para Lacan, o final da análise, quando ele definirá o passe como a solução do impasse essencial do sujeito em sua relação com o significante. Em Hamlet, vocês verão também a fantasia desempenhar um papel essencial. Há dois personagens que desempenham o papel de objeto *a*, o personagem esperado, Ofélia, objeto sublime do desejo que, em seguida, por uma oscilação, se torna objeto caído, mas há também Laerte, seu irmão.

Lacan enfatiza, pontua o momento em que esse irmão, tendo saltado na tumba escavada de sua irmã, encontra Hamlet que se defronta, aqui, com esse personagem como seu

duplo. Em outras palavras, é preciso reler as sete lições sobre Hamlet que são enquadradas por essas duas emergências essenciais da fantasia.

A última parte, que contém oito capítulos, nos permite apreender o que Lacan, aqui, nos trouxe. Com efeito, ele nos explica, nesse capítulo XX, que é o primeiro dessa última parte, o da fantasia fundamental, que é um limite da interpretação, tal como ele próprio o havia formulado na conclusão de seu artigo "A direção do tratamento", a saber, eu o cito: "Todo exercício de interpretação tem um caráter de reenvio de voto em voto". Temos uma sucessão de desejo. Isso foi o que restou das análises, por exemplo, sobre o sonho da Bela Açougueira, etc. É precisamente o efeito de reenvio indefinido do desejo. A retomada, no *Seminário 6*, é a retomada da questão de saber como interpretar o desejo, sendo ele essencialmente metonímico. Ora, o que estava formulado no escrito "A direção do tratamento", aquele com o qual Lacan conectou seu *Seminário*, é, com efeito que o desejo não tinha propriamente objeto. O desejo, tal como figura em "A direção do tratamento", tal como constitui a quinta e última parte desse artigo, no fundo, esse desejo é definido - e aqui vai uma citação - "como metonímia da falta a ser".

Antes do *Seminário 6*, o desejo era precisamente formulado como absolutamente insubstancial, como repercussão de uma falta. Por isso, Lacan havia fixado a imagem do São João, de Leonardo, frequentemente comentada, com o dedo levantado sempre para outro lugar. Isso nos detinha numa definição da interpretação: interpretar é fazer sinal para alhures e, portanto, a alusão é o modo enunciativo privilegiado da interpretação. O *Seminário*: "O desejo e sua interpretação" é feito precisamente para reparar e contestar isso, formulando, ao contrário, que o desejo implica uma relação com o objeto através da fantasia, que é possível, nesse *Seminário*, interpretar a

fantasia e que, inclusive, a própria fantasia é a interpretação do desejo com a condição de partir da diacronia do desejo, da sucessão, juntando, a um só tempo, à sincronia. Este é o valor da fórmula: $\$ \diamond D$.

Lacan propõe estes dois registros: a diacronia e a sincronia. Vemos com clareza que ele privilegiou o aspecto metonímico do desejo, mas ele o completa com a sincronia, articulada na relação do sujeito barrado com o objeto a. Então, se os remeto à página 446, vocês ali encontrarão a lógica da fantasia, tal como é desenvolvida e articulada nesse *Seminário*. Em primeiro lugar, o sujeito encontra no Outro um vazio articulado. Esse vazio é aquele definido pela negação, não há Outro do Outro, que desmente uma categoria criada no *Seminário* 5 e deixa o sujeito sem referência de nominação. Em segundo lugar, o sujeito faz vir do registro imaginário - é o uso, a instrumentação do imaginário - uma parte dele mesmo engajada na relação imaginária, na relação especular com o pequeno outro. Em terceiro, esse objeto tem uma função de suplência em relação à carência essencial do significante. É então que Lacan se interessa pelo que é propriamente a estrutura do sujeito e a encontra no intervalo da cadeia significante, no corte, que será a última palavra desse *Seminário*.

Mas o que é surpreendente, e que deve criar uma surpresa para quem apreendeu a coerência da construção de Lacan até então, é que, no capítulo XXII, quando questiona novamente o que acontece com o homem objeto que corresponde a um sujeito-corte, ele recorre ao objeto pré-genital que permaneceu, ao longo do *Seminário*, completamente ausente do registro fantasmático.

O objeto pré-genital, em todo o *Seminário*, foi abandonado à pulsão e considerado essencialmente como um significante. Aqui, ele se encontra implicado na fantasia como objeto de corte e esta é uma guinada sensacional dada

por Lacan na orientação do *Seminário*, como se não fosse nada. Descobre-se que esse objeto a não é apenas enraizado no imaginário, mas é também o seio, a partir do desmame, como objeto de corte, é também o excremento ejetado e cortado do corpo. Lacan, aqui, acrescenta a voz, especialmente a voz interrompida, e todos os objetos de estrutura fálica que estão implicados na estrutura de corte pela mutilação e pela estigmatização. Então, de maneira surpreendente, desta feita com um efeito de corte, no final do capítulo XXII vemos retornar o real, uma vez que os objetos pré-genitais, aqui, são os objetos da fantasia. Lacan, então, se pergunta o que podem ser aqui os objetos pré-genitais, que são os objetos da fantasia, senão objetos reais. Eis aqui, de um golpe, uma nova orientação tomada e ele assinala que os objetos reais são os que estão em uma relação estreita com a pulsão vital do sujeito.

Ele não retomará essa questão, mas, aqui, já se introduz a função do gozo que prepara a função por meio da qual Lacan dará conta da construção desse *Seminário*, dois anos mais tarde, quando formulará que o inconsciente está no nível do gozo. A partir daí, Lacan estuda, com uma precisão sem precedente, a fantasia perversa na passagem ao ato do exibicionista e do voyeurista, comparando-a com o que é a fantasia na neurose.

A última palavra do *Seminário* é o corte que seria, sem dúvida, diz Lacan, o modo mais eficaz da interpretação, com a condição de que ela não seja mecânica. É também o corte que faz a junção entre o simbólico e o real, tal como, no começo do *Seminário*, cabia à fantasia fazer a junção entre o simbólico e o imaginário. Para Lacan, isso implica um reenlace com o começo de seu ensino, com o *Seminário* dedicado ao "Mais-além do princípio do prazer" e com a estrutura da cadeia significante, onde já aparecia que o simbólico encontra seu fundamento no corte. Simultaneamente, o final do *Seminário*: "O desejo e sua

interpretação" abre para o *Seminário*: "A ética da psicanálise", que terá seu ponto de partida no instante do real. Este será também um *Seminário* que terá como assentada a junção entre fantasia e pulsão, condição para que possa emergir a instância do gozo como tal.

Terminarei lendo uma passagem do último capítulo do *Seminário 6*: "O desejo e sua interpretação", que consoa estranhamente com o que se produziu este ano diante dos nossos olhos, a saber: o remanejamento dos conformismos e até mesmo sua explosão. Por isso, não me pareceu excessivo, ao apresentar esse *Seminário*, escrever que ele, embora já tenha meio século, mesmo assim falava de nós nos dias de hoje. Aqui está o trecho que lerei para concluir esta apresentação do *Seminário 6*, no enquadre em que pensei falar aos leitores de Lacan. Página 569:

"Estas normas sociais, se há uma experiência que deva nos ensinar o quanto elas são problemáticas, o quanto elas devem ser interrogadas, o quanto sua determinação se situa alhures de sua função de adaptação, é por certo a experiência da análise. Nessa experiência do sujeito lógico que é a nossa, se revela para nós uma dimensão que está sempre latente, mas também sempre presente, sob toda relação intersubjetiva. Essa dimensão, a do desejo, se encontra numa relação de interação, de troca, com tudo o que, dali, se cristaliza na estrutura social. Se soubermos dar conta disso, deveremos chegar, aproximadamente, à seguinte concepção. O que designo com a palavra cultura - palavra pela qual tenho muito pouco apreço, até mesmo nenhum - é uma certa história do sujeito em sua relação com o *logos*. Certamente esta instância, a relação com o *logos*, pôde permanecer mascarada ao longo do tempo e, na época em que vivemos, é difícil não ver qual hiância ela representa, a que distância se situa de uma certa inércia social. É por essa razão que o freudismo existe em nossa época. Alguma coisa do que chamamos de cultura passa para a sociedade.

Podemos provisoriamente definir a relação entre as duas como uma relação de entropia, uma vez que aquilo que passa da cultura para a sociedade inclui sempre alguma função de desagregação. O que se apresenta na sociedade como a cultura - e que entrou então, por diversas razões, em um certo número de condições estáveis, também elas latentes, que determinam os circuitos de trocas no interior do rebanho - instaura nela um movimento, uma dialética, que deixa aberta a mesma hiância que aquela no interior da qual situamos a função do desejo. É nesse sentido que podemos formular que aquilo que se produz como perversão reflete, no nível do sujeito lógico, o protesto contra o que o sujeito padece no nível da identificação, uma vez que esta é a relação que instaura e ordena as normas da estabilização social das diferentes funções [...].

Em suma, poderíamos dizer que alguma coisa se instaura como um circuito girando entre, por um lado, o conformismo, ou as formas socialmente conformes da atividade chamada de cultural - a expressão se torna aqui excelente para definir tudo o que da cultura se monetiza e se aliena na sociedade - e, por outro, toda estrutura semelhante à da perversão, porquanto ela representa, no nível do sujeito lógico, o protesto que, no que diz respeito à conformização, se eleva na dimensão do desejo, uma vez que o desejo é relação do sujeito com seu ser".

É neste ponto que Lacan promete falar, mais tarde, sobre a sublimação, o que se dará no *Seminário: "A ética da psicanálise"*. Lacan termina dizendo, na página 571:

"A sublimação como tal se situa no nível do sujeito lógico, ali onde se instaura e se desenvolve tudo o que é propriamente trabalho criador na ordem do *logos*. Desde aí, vêm mais ou menos se inserir na sociedade, vêm mais ou menos encontrar seu lugar no âmbito social, as atividades culturais, com todas as incidências e todos os riscos que elas comportam, até e inclusive o remanejamento dos

conformismos anteriormente instaurados, inclusive sua explosão”.

Estamos, hoje, no dia 26 de maio, e Paris está vivendo efetivamente, vocês o verão na saída, o remanejamento dos conformismos anteriores, sua explosão. É precisamente isto que Lacan já nos anunciava há meio século.

Obrigado.

Tradução: Vera Avellar Ribeiro

¹ Texto originalmente apresentado em *Latigo - The Lacanian Transatlantica de Investigación*, na rubrica *Latigazo*, n. 1, outubro de 2013 e n. 2, dezembro de 2013.

² N.T.: *point*, em francês, é também um advérbio de negação: não, nada, nunca.